

**JNT-BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL**  
**ISSN: 2526-4281 QUALIS B1**



**VOZES DE LÍDERES E EX-LÍDERES DA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO  
DOMINGOS/PARACATU-MG**

**VOICES OF LEADERS AND EX-LEADERS OF  
THE QUILOMBOLA COMMUNITY SÃO  
DOMINGOS / PARACATU-MG**

**Luiz Henrique Gomes SILVA**  
**Universidade de Brasília UnB**  
**E-mail: henriquemgomes2@yahoo.com.br**

## RESUMO

Neste trabalho, apresentamos resultados de pesquisa desenvolvida na Comunidade Quilombola São Domingos, pela Universidade de Brasília, com base em pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso Crítica (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough 2001). O objetivo central da pesquisa, de cunho qualitativo e etnográfico, foi investigar processos identificacionais dos integrantes da comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu-MG, na voz de seus líderes e ex-líderes, com base em notas de campo e em entrevistas semiestruturadas com esses representantes. Fundamentado nos registros da pesquisa, identificamos as seguintes categorias: (1) Indivíduos trabalhadores, (2) Vestígios de autoidentidade de pertencimento à comunidade quilombola, (3) Liderança, além de (4) Traços de expressões culturais: culinárias, artesanatos e danças. Como resultados das análises, identificamos na primeira categoria trabalhos bastante diversificados que remontam a serviços de seus antepassados como produção de rapadura e exploração de ouro, todavia também buscam outras formas de trabalho como em escolas e outras empresas. Na segunda categoria, todas as entrevistas denotam ideia de pertencimento à Comunidade Quilombola. Na terceira categoria, observou-se posições antagônicas de ex-líderes, pois neste momento não identificamos unificação da comunidade através do uso do “nós” ou “a gente”, mas uma possível fragmentação identitária coletiva em se tratando de um posicionamento individualizado de liderança. Na quarta categoria, apesar de lutarem por manifestações culturais materiais e imateriais como artesanatos, culinárias e danças, esta última perdeu várias formas de expressão, sobrevivendo apenas a “Caretada”, dança tradicional e característica da Comunidade Quilombola São Domingos.

**Palavras-chave:** Identidade. Cultura. Discurso. Quilombola.

## ABSTRACT

In this work, we present results of research developed in the São Domingos Quilombola Community, by the University of Brasília, based on theoretical and methodological assumptions of Critical Discourse Analysis (Chouliaraki & Fairclough, 1999; Fairclough 2001). The central objective of the research, of a qualitative and ethnographic nature, was to investigate the identification processes of the members of the São Domingos quilombola community, in Paracatu-MG, in the voice of their leaders and former leaders, based on field notes and semi-structured interviews with these representatives. Based on the research records, we identified the following categories: (1) Working individuals, (2) Vestiges of self-identity of belonging to the quilombola community, (3) Leadership, in addition to (4) Traces of cultural expressions: culinary, handicrafts and dances. As a result of the analyzes, we identified in the first category quite diversified works that go back to the services of their

ancestors, such as the production of rapadura and gold exploration, however they also seek other forms of work, such as in schools and other companies. In the second category, all interviews show the idea of belonging to the Quilombola Community. In the third category, it was observed antagonistic positions of former leaders, because at this moment we do not identify unification of the community through the use of “we” or “us”, but a possible collective identity fragmentation in the case of an individualized positioning of leadership. In the fourth category, despite struggled for material and immaterial cultural manifestations such as handicrafts, cuisines and dances, the latter lost several forms of expression, surviving only the “Caretada” traditional dance and characteristic of the São Domingos Quilombola Community.

**Keywords:** Identity. Culture. Discourse. Quilombola.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos resultados da pesquisa desenvolvida na Comunidade Quilombola São Domingos, pela Universidade de Brasília, com base em pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH 2001). O objetivo central da pesquisa, de cunho qualitativo e etnográfico, é investigar processos identificacionais dos integrantes da comunidade quilombola São Domingos, na voz de seus líderes e ex-líderes. Para tanto, com base em notas de campo e nas entrevistas semiestruturadas realizadas com esses representantes da Comunidade Quilombola São Domingos, buscamos investigar as práticas discursivas de seus líderes e alguns ex-líderes, e a ideia de pertencimento dos integrantes na Comunidade, numa visão crítica, cultural e discursiva.

Os principais resultados, que discutimos aqui, indicam que muitos se identificam e sentem orgulho de serem quilombolas, todavia há traços de deslocamento e novas construções de autoidentidades que apontam para o desejo de mudança de muitos integrantes, principalmente os mais jovens.

Buscamos reunir alguns dos resultados principais da reflexão sobre as (re)construções identitárias na comunidade quilombola São Domingos e procuramos investigar dinâmicas de processos identificacionais dos remanescentes quilombolas participantes da pesquisa, por meio dos estudos das entrevistas e de suas práticas situadas na comunidade. Nesse sentido, analisaremos as contradições e intersecções nos discursos, no seio de práticas sociais mais amplas, pertencentes a gerações mais antigas da comunidade e a gerações mais jovens, como detalharemos a seguir.

## MOTIVAÇÃO DA PESQUISA NA COMUNIDADE

A comunidade quilombola São Domingos está localizada no município de Paracatu, na região Noroeste, com apenas 3 km de distância do centro da cidade. O seu nome ocorreu em homenagem a São Domingos, após uma epidemia de febre que se ocorreu sobre os moradores.

A história da comunidade São Domingos data de meados de 1731 e em 2004 ela foi reconhecida como remanescentes das comunidades dos quilombos. Os primeiros moradores da comunidade, de acordo com remanescentes do quilombo foram Manoel Lopes e Josefá Caldeira, depois vieram outras famílias como os Mendanha e os Ferreira.

As famílias do quilombo possuem a tradição de, após o casamento, fixarem moradia perto da casa dos pais, isto acontece também por motivos financeiros, uma vez que se trata de famílias com baixa renda. Dessa maneira os lotes se transformam em propriedade coletiva. Esta tradição além de perpetuar os costumes também preserva a definição da identidade da comunidade quilombola São Domingos.

A partir de 2005, a multinacional Kinross Gold Corporation assumiu o controle das operações de extração do ouro, antes feito pela Rio Paracatu Mineração, e desde então tem convivido com o município e comunidades, muitas delas quilombolas, promovendo tanto conflitos quanto reconhecimento dos moradores em relação à empresa.

O estudo na comunidade quilombola São Domingos partiu de uma tradição analítica com foco nas práticas sociais e discursivas, pelo fato de elegermos o discurso como principal fonte de análise em nossa pesquisa, o qual, segundo Fairclough (2001, p. 63), “[...] é uma forma de *prática social* mais do que uma atividade individual ou um reflexo de variáveis situacionais”. Para o autor, a linguagem pode tanto mudar, quanto manter práticas e identidades sociais. Dessa maneira, sob essa ótica, a escolha de determinadas formas e significados linguístico-discursivos não é aleatória, pois dependerá do momento social específico em que foi produzido.

Tendo como base os pilares da ADC, principalmente em Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001), partimos de uma problematização referente ao discurso na vida social. Esse problema pode ser encontrado na prática social, ou seja, na atividade concreta; mas também pode ser encontrado na construção reflexiva de uma prática social.

Partindo desse pressuposto e conhecendo diversas histórias de conflitos entre a Mineradora e a Comunidade Quilombola São Domingos, despertou-nos o interesse em pesquisar, junto aos representantes (líderes e ex-líderes da comunidade), dinâmicas de identificação na Comunidade e as representações sobre a Mineradora por parte dos moradores, uma vez que são vizinhas.

Dessa forma, para compreender melhor como vivem os descendentes dos escravizados, da primeira comunidade quilombola de Paracatu, como se dá a construção dos processos identitários e representações culturais diante do conflito/harmonia em que vivem com a mineradora multinacional, Kinross, que faz divisa com a comunidade, realizamos trabalho de campo e elaboramos questões norteadoras aos/às participantes da pesquisa.

As perguntas foram elaboradas para orientar as entrevistas semiestruturadas com os/as participantes da pesquisa. Neste artigo, damos foco a questões relacionadas aos significados identificacionais, baseado em Fairclough (2001), a respeito dos processos de identificação que envolvem efeitos constitutivos do discurso e devem ser vistos como um processo dialético no qual discursos transformam práticas ou são inculcados em processos identificacionais. As questões norteadoras das entrevistas semiestruturadas são:

Questão 1 – Qual a diferença entre presidente da comunidade e presidente da associação?

Questão 2 – A mineradora influenciou a vida da comunidade e das pessoas daqui? Como?

Questão 3 – Vocês se identificam como quilombolas?

Questão 4 – O que a mineradora trouxe de benefício ou malefício à comunidade São Domingos?

103

## **IDENTIDADES**

Conforme Hall (2003), a identidade cultural do final do século XX perdeu sua estabilidade, pois houve uma fragmentação cultural de classe que, no passado, davam sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações desestruturaram nosso sentimento de sujeitos integrados, ocasionando o que chamamos de deslocamento do sujeito que, por sua vez, constitui uma crise de identidade ao indivíduo.

Segundo Mercer, citado por Hall (2003, p. 9), a identidade só se torna uma questão quando está em crise, quando o coerente e estável é deslocado, trazendo dúvidas e incertezas. Além disso, esse deslocamento se dá nas mais variadas áreas como a cultural, econômica e social, por isso, a identidade é tão abordada nas universidades.

No Brasil, podemos ter como exemplos de movimentações políticas a criação da delegacia da mulher, a abertura de cotas para negros nas universidades, a aceitação e legalização de união homossexual – além de outras mobilizações –, porém observamos que essas mudanças não são totalmente aceitas, pois são combatidos por alguns órgãos fundamentalistas como grupos de defesa de religiões.

Segundo Bauman (1999):

Numa localidade homogênea é extremamente difícil adquirir as qualidades de caráter e habilidades necessárias para lidar com a diferença humana e situações de incerteza; e na ausência dessas habilidades e qualidades é fácil temer o outro, simplesmente por ser outro – talvez bizarro e diferente, mas primeiro e, sobretudo, não familiar não imediatamente compreensível, não inteiramente sondado, imprevisível (BAUMAN, 1999, p. 55).

Nesse contexto, a temática das identidades surge em meio a uma concepção de linguagem engajada no seio das práticas sociais, cuja ideia central é de que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico.

Quando utilizamos a linguagem, não interagimos com apenas o usuário, mas com todas as marcas sócio históricas que o torna um ser social único. Moita Lopes (2003) diz que o si mesmo é construído em discursos e a seguir re-experenciado dentro dos textos da vida cotidiana tornando-se, portanto, reposicionado ou transformado.

No período chamado por muitos de modernidade tardia (GIDDENS, 1991; CHOULIARIAKI E FAIRCLOUGH, 1999), os processos discursivos adquiriram importância central como instrumentos de reflexão, de interpretação e de compreensão da vida social, bem como de construção das identidades sociais e da vida social em um mundo altamente semiotizado.

Baseado nos estudos de Stuart Hall (1992), o termo “modernidade tardia” faz alusão às transformações ocorridas com o avançar da modernidade, mas não indica uma ruptura, e sim uma continuidade do projeto moderno.

Já Ernest Laclau (1990) discute que as sociedades modernas não possuem nenhum centro, ou princípio organizador, e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única causa ou lei, mas de uma “pluralidade de centros de poder”. Neste momento, ilustramos a teoria destacando as identidades “formadas” na comunidade quilombola São Domingos, onde muitas pessoas desse local possuem orgulho de ser quilombola e manifestam esse orgulho através de suas crenças e culturas, porém essa assertiva não atinge toda a comunidade, uma vez que diversos jovens pensam em trabalhar fora da comunidade.

A este fenômeno, Laclau chamou de “deslocamento”. Para ele, as sociedades da modernidade tardia são caracterizadas pela “diferença”, pois elas são atravessadas por antagonismos que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito – isto é, identidades – para os indivíduos, que proporcionam às sociedades que não se desintegram totalmente, mas que sejam conjuntamente articuladas.

Segundo Quijano (1992), a globalização que vivenciamos é a culminância de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno tendo a Europa como centro de um novo modelo de poder global. Um dos pilares desse

padrão de poder é a classificação social da população Mundial sobre a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência de domínio colonial básica e permeia as dimensões de grande potência mundial, incluindo a sua racionalidade específica, o Eurocentrismo.

Para Mignolo (2003) o pensamento colonial surgiu na fundação da modernidade / colonialidade. E isso aconteceu nas Américas com pensamentos indígenas e pensamentos afro-caribenhos, que continuou na Ásia e África. Todavia esse processo perpetuou em vários países, inclusive Brasil, por vários séculos, com a escravização dos negros trazidos do continente africano.

A representação é o papel-chave da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais levam a uma preocupação com a identificação (WOODWARD, 2000). Todas as práticas de significação envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre outras identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade.

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Assim, é possível observar com clareza o clima de insegurança que rodeia a temática das identidades e, por isso, o apego ao passado em que, antigamente, se tinha algo para se apegar, algo que era referência, mas que quase não ocorre hoje devido à enorme quantidade de informações que são veiculadas e que as pessoas têm acesso.

Ao afirmar uma construção identitária, buscamos legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado – possivelmente um passado glorioso, mas que parece “real” – que poderia validar a identidade que reivindicamos. Esse passado é parte de uma “comunidade imaginada”, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo “nós”. Hall (2003) argumenta em favor do reconhecimento da identidade, mas não de uma identidade que esteja fixada na rigidez da oposição binária “nós, eles”, ou “comunidade quilombola e mineradora”. Ele enfatiza a fluidez da identidade ao vê-la como uma questão de “tornar-se”, aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar identidades históricas.

## **ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA**

A Análise do Discurso Crítica, embora tenha iniciado com os estudos da Linguística Crítica, não é uma mera continuação desta, pois ampliou tanto a metodologia quanto a teoria

em relação à descrição, interpretação e explanação crítica da linguagem em um contexto sócio histórico, na década de 1990.

A ADC apresenta-se como uma abordagem teórico-metodológica aberta ao tratamento de diversas práticas na vida social e procura fazer conexões, através de quadros analíticos, entre relações de poder e recursos linguísticos de grupos sociais e/ou indivíduos. Para a ADC, o social e o linguístico são indissociáveis, pois o discurso é compreendido como um momento de prática social.

Discursos particulares são uma maneira particular de construir um assunto, por enfatizar os conteúdos – áreas de conhecimento –, que entram nos textos na forma mediada de construções particulares dos mesmos (FAIRCLOUGH, 2001). A relação entre discurso e estrutura social tem natureza dialética, resultado do contraponto entre a determinação do discurso e sua construção social. Nas palavras de Fairclough (2001, p. 92), “é importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida; de um lado, na determinação social do discurso e, de outro na construção social do discurso”.

A prática discursiva considera o discurso como uma forma de prática social, ou seja, é constituído socialmente e constitutivo da estrutura social. Dessa maneira, tanto os variados tipos de discurso, quanto a inserção dos fatores sociais varia na prática discursiva, envolvendo o processo de consumo textual, distribuição e produção.

Já a prática social, segundo Fairclough (2001), é reproduzida pela linguagem, porém possui o poder de transformar essas práticas, ou seja, o discurso é uma forma de ação social que pode ser relacionada com questões de poder e ideologia.

De uma maneira menos abstrata e para uma análise mais clara, Fairclough (1992) propõe um modelo tridimensional de ADC, no discurso: texto, prática discursiva e prática social; e na prática de análise: descrição, interpretação e explanação, respectivamente.

A natureza da prática discursiva varia de diferentes maneiras de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos. Podemos entender por prática discursiva os processos sociais relacionados a ambientes institucionais particulares, políticos e até econômicos. Para Fairclough, a prática discursiva é mediadora entre o texto e a prática social:

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre ‘pistas’ no texto (FAIRCLOUGH, 1992, p. 36).



Dessa maneira, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), o objetivo da ADC é fazer uma reflexão sobre as mudanças globais de larga escala, incluindo a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social.

A reflexividade da vida social moderna, de acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), proporciona aos atores sociais uma possibilidade de revisão profunda relativa a vários aspectos da vida social, por causa da relação entre esses vários conhecimentos, mas também devido ao monitoramento reflexivo da ação.

Dessa maneira, reflexividade refere-se à possibilidade de os atores sociais repensarem suas auto identidades, em construções reflexivas de sua atividade na vida social.

Fairclough (2001) baseado na Linguística Sistêmico Funcional (LSF) de Halliday faz uma recontextualização do sistema de análise proposto anteriormente, concebendo três macro funções que estão presentes em textos: o significado acional (modo de agir), o significado representacional (modo de representar) e o significado identificacional (modo de ser).

Como o foco deste trabalho é estabelecer relação entre o significado identificacional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001) e a construção dos processos identitários dos líderes e ex-líderes da Comunidade Quilombola São Domingos, daremos enfoque ao significado identificacional, relacionados a aspectos discursivos da maneira de falar de uma pessoa, revelando suas identidades, seu modo de ser.

107

## **ABORDAGEM METODOLÓGICA**

No referencial metodológico começamos com a Pesquisa Qualitativa de Cunho Etnográfico, como métodos que trabalham privilegiando o estudo das origens e das relações sociais. A triangulação também é trabalhada, apresentando um método de ordem transmetodológica para esta pesquisa.

A pesquisa qualitativa foi a metodologia escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa por permitir identificar no *corpus* relações de poder em um contexto sócio histórico. Um dos objetivos desta pesquisa é entender como se dão os discursos de enfraquecimento e reforço da comunidade quilombola São Domingos, por isso optamos pela pesquisa qualitativa que considera a diversificação das esferas da vida (FLICK, 2009, p. 17), por nos dar a oportunidade de aproximação dos processos identificacionais, representacionais, de crenças, de valores e de opiniões.

A relação entre teoria e prática é outro ponto que justifica a união entre a ADC e a pesquisa qualitativa, ou seja, uma relação dialeticamente construída. Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), a ADC referenda que as práticas são um ponto intermediário entre estrutura, eventos e agências, ela dá ênfase não só para o abstrato ou para o concreto, mas

realça a intersecção entre ambos. Segundo Flick (2009), esse tipo de pesquisa percorre o caminho da teoria ao texto e, depois, outro caminho do texto de volta à teoria.

Por meio de instrumental etnográfico, visamos investigar processos sociais de produção dos eventos a partir de um panorama interno ao processo de pesquisa. Uma das características da etnografia crítica é contribuir para atuar sobre a cultura de maneira transformadora e não apenas descrevê-la.

O trabalho de constituição do corpus da pesquisa deu-se no período de seis meses, entre observação da movimentação de integrantes da comunidade quilombola e entrevista com líderes e ex-líderes da comunidade, sendo um total de cinco pessoas.

Em relação à aproximação e acolhimento dos entrevistados, todos foram muito receptivos, apesar de alguns integrantes de uma das casas onde se desenvolveu a entrevista ficar desconfiado e receoso em relação às perguntas e conversas sobre a relação Comunidade/Mineradora.

Em se tratando de materiais representacionais da comunidade, podemos destacar como recurso simbólico mais representativo a “Caretada ou caretagem”, dança típica dos moradores da comunidade e que ocorre uma vez por ano. Como recurso material, destacamos a produção de biscoitos e rapaduras que ajudam na economia de algumas famílias.

Para a análise de dados, utilizamos o referencial da ADC, que sustenta haver uma relação dialética entre estrutura social e discurso, em que este molda a sociedade, mas que também é moldado por ela, desenvolveremos este estudo baseado em Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001), que considera a vida social o objeto de estudo da Ciência Social Crítica. Segundo esses autores, a vida social é feita de *práticas* e o *discurso* é tido como um dos elementos dessa prática social, que constrói outros elementos dessa prática e que, dialeticamente, é constituído por eles.

Práticas e estruturas sociais possuem uma natureza bidirecional da linguagem, pois tanto determinam a escolha lexical dos elementos linguístico-discursivos como têm efeitos causais nas práticas e estruturas sociais. Para esses autores, as práticas são modos cotidianos de ação social, interligados a um tempo e espaço particulares, em que os indivíduos utilizam-se de recursos (simbólico e material) para agir no mundo, e incluem diversos elementos da vida: atividade material; fenômenos mentais (valores, crenças, desejos); relações sociais e processos (relações sociais, instituições, poder) e discurso, que são articulados com todos esses elementos.

Na pesquisa, identificamos esses elementos, a exemplo de recursos simbólicos e materiais tais como a Caretada – dança “folclórica”, cheia de adornos em que apenas os homens participam, além de vários produtos que são produzidos através de uma cooperativa,

que se extinguiu; também identificamos fenômenos mentais no desejo que a comunidade, na voz de seus líderes, possui em perpetuar suas tradições e serem reconhecidos como pessoas capazes de desenvolver outras atividades.

Não obstante, como informado no início deste artigo, apresentaremos apenas as questões de processos identitários referentes aos líderes entrevistados da Comunidade Quilombola São Domingos, em Paracatu-MG. Nas análises da próxima seção, a partir do discurso dos entrevistados, identificamos as seguintes categorias: Traços de Indivíduos trabalhadores, Vestígios de auto identidade e pertencimento à comunidade quilombola, Índícios de auto identidade de líder, além de Traços de expressões culturais: CULINÁRIAS, ARTESANATOS E DANÇAS.

## CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÕES DE PROCESSOS IDENTITÁRIOS

Neste momento apresentamos as análises discursivas das entrevistas com líderes e ex-líderes da comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu-MG, as quais apontam para seus papéis, representações e lugar na comunidade.

A partir das análises das gravações feitas, definimos as categorias linguístico-discursivas pertencentes à constituição de processos identitários dos atores participantes da pesquisa, baseados nos significados identificacionais.

**Quadro 1. Processos Identitários dos atores.**

Processo de representação - identificação	Exemplos do <i>corpus</i>	Análises
<b>Indivíduos trabalhadores</b>	<p>(1) <i>É, eu <u>trabalhei bastante tempo...né...desde a criação delas (associação) vem trabalhando né, que foi em 84 que foi fundada a associação de moradores aqui, aí eu vinha sempre trabalhando.</u></i> E1<sup>1</sup></p> <p>(2) <i><u>Esta exploração de ouro, ela sempre existiu, né? Hoje se você descer aqui nessa praia, pegando ela no início aqui, até dá lá no São Sebastião, cê ainda vai encontrar aí, todos os dias da semana, pelo menos três pessoas que sobrevive disso aí.</u></i> E3</p>	<p>Nas falas dos pesquisados, percebemos que a relação de trabalho ainda é bastante diversificada. Quando relembram as atividades manufaturadas, destacadas em (3), também notamos que houve mudanças em relação a outras formas de trabalho, através do estudo (pessoas formadas), todavia a tradição ainda persiste na exploração do ouro (2), mesmo sendo de forma bastante tímida. No trecho (1) fica evidente que não é recente a organização da comunidade para que pudessem crescer e buscar melhorias para seu povo.</p>

<sup>1</sup> Todos os nomes na gravação das narrativas foram alterados para fins de anonimização. A letra “E” significa entrevistado e o número faz referência à pessoa.

	(3) (...) <u>primeiro a gente via carregando lenha na cabeça, vendendo mandioca, né? Então isso aí muitas vezes a gente lembra, fazendo chapéu, vassoura... hoje, já, já expandiu mais, né?</u>	
--	---	--

Processo de representação - identificação	Exemplos do corpus	Comentários analíticos
<b>Pertencimento à comunidade quilombola</b>	<p>(4) <u>Que a gente tem duas associação. E1</u></p> <p>(5) <u>A diferença é qui é... presidente da comunidade é porque quando a gente tem uma uma liderança com o povo né dá bem com o povo, ee presidente da associação porque a gente precisa se organizar, né.</u></p> <p>(6) <u>A gente, eu... acho que a gente, por ser quilombola. (...) A gente não tem bala na agulha, não. E3</u></p> <p>(7) <u>Então, a gente sabe que seria outra vida aqui na comunidade. Então o que a gente fala é isso, né (...) E4</u></p>	<p>Necessariamente, em todas as entrevistas concedidas, os participantes utilizaram a expressão “a gente”, seguida de verbos que dão ideia de pertencimento e de coletividade, pois as falas referem-se a toda a comunidade e não apenas para um grupo de pessoas. Além disso, explicitamente, um dos entrevistados utilizou o termo “ser quilombola”, que referenda a ideia de pertencimento citado acima.</p>

Processo de representação - identificação	Exemplos do corpus	Comentários analíticos
<b>Liderança</b>	<p>(8) (...) <u>agora foi inaugurado, ano passado, o Centro Pastoral, né, que até, eles colocaram meu nome, em homenagem a mim pelo meu trabalho na comunidade. E1</u></p> <p>(9) <u>É, eu trabalhei bastante tempo...né (...) eu vinha sempre trabalhando. E1</u></p> <p>(10) <u>Eu, enquanto estive como presidente da associação pude observar.</u></p> <p>(12) <u>Vejo assim, primeiro é uma visão que eu vejo desse seminário(...). E5</u></p>	<p>Na fala da entrevistada E1, destacamos o excessivo uso dos pronomes possessivos em primeira em pessoa (meu), uso do pronome oblíquo tônico (a mim), além do pronome reto (eu) todos com referência ao trabalho, enfatizando sua autoidentidade como líder.</p> <p>Na fala de outra entrevistada E5, nota-se que ocorre o uso da primeira pessoa (eu) para dar opinião sobre o seminário de parceria com a mineradora. São duas posições antagônicas de ex-líderes, ou seja, não se vê unificação da comunidade através do uso do “nós” ou “a gente”, mas uma</p>

	(13) Então, <u>para mim</u> , esse seminário de parceria, essa vergonha(...). E5	fragmentação da identidade coletiva para um posicionamento individualizado de líder.
--	--	--

Processo de representação - identificação	Exemplos do corpus	Comentários analíticos
<b>Traços de expressões culturais: culinárias, artesanatos e danças</b>	<p>(20) <u>O pessoal tá querendo reabrir a fábrica de biscoito.</u> E1</p> <p>(21) <u>Essa rapadura que eu acho que é mais importante do que o próprio restaurante.</u></p> <p>(22) <u>Começou o projeto da criação de frango né, que era um projeto muito bom, aí depois veio o o projeto da fábrica de biscoito. Agora nós tamo retomando.</u> E4</p> <p>(23) Então, isso aí, muitas vezes <u>a gente lembra fazendo chapéu, vassoura... é, manufaturado.</u> E3</p> <p>(24) <u>eles fazem a quadrilha, que é tradicional dos Quilombolas também, todo ano eles fazem , tem a Caretada, a Folia de Reis...</u> E3</p>	<p>A comunidade quilombola São Domingos procura perpetuar suas culturas, algumas apoiadas e outras não, através de suas lideranças e/ou ajudas através dos projetos apoiados pela mineradora Kinross. Como exposto, várias expressões culturais ligadas à dança não existem mais e estão marcadas apenas nas lembranças dos moradores mais antigos. Delas, apenas a Caretada<sup>2</sup> ainda possui uma grande repercussão e adesão das pessoas da comunidade e não corre risco de se extinguir.</p> <p>Também devemos destacar a cultura material, que leva o nome da comunidade para outros locais, tornando-a conhecida além das fronteiras do município, como a produção de artesanato e quitandas.</p>

Os processos de identificação dos indivíduos que compõem as comunidades estão sofrendo modificações devido à conscientização dos mesmos, através de campanhas de igualdade racial e valorização cultural. Percebemos, através da análise dos discursos, uma fluidez na construção das identidades, pois, historicamente, sabemos das imensas dificuldades e lutas, além da discriminação por que passaram, e às vezes ainda passam, os antigos negros escravizados e seus descendentes.

Com essas análises, foi possível se aproximar de representações identitárias pelas vozes dos integrantes da comunidade quilombola São Domingos, entrevistados na pesquisa desenvolvida. Em um determinado momento, identificamos pessoas trabalhadoras que lutam e persistem em adquirir seu sustento e de seus familiares, não apenas com trabalhos fora da comunidade, mas com o labor que muitas vezes aprenderam com seus antepassados, como

<sup>2</sup> A caretada é uma dança típica da comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu-MG.

percebemos na retomada do projeto dos biscoitos e no trabalho da rapadura artesanal. Contudo, notamos que, de acordo com a fala de uma das líderes atuais, muitos jovens pretendem seguir outros caminhos, que não envolvem os projetos da Comunidade.

Num outro momento, percebemos pessoas que persistem em dar continuidade à cultura advinda de seus antepassados. Apesar de ter perdido muito de suas danças e tradições, há um consenso e um orgulho em se poder mostrar a caretada, dança típica dos antigos escravizados e que perpetua em suas vozes e representações com os quilombolas da comunidade de São Domingos. Aqui, presenciamos o conflito entre o passado e o presente no curso das mudanças históricas.

As divergências foram identificadas em vários momentos e são fatos que, ao que indicam os dados, incomodam bastante as lideranças, ex-lideranças e participantes, pois vários projetos não teriam dado certo devido a desentendimentos internos entre membros da comunidade, pois mesmo possuindo uma estrutura completa para que os trabalhos fossem desenvolvidos, eles não deram certo.

Os dados apresentados e analisados acima nos permitem enxergar que as crenças dos atores entrevistados podem ser identificadas por meio da análise de significado identificacional dos discursos proferidos e, de acordo com Thompson (2007), elas se revelam através da legitimação que surge no discurso. Dessa maneira, conseguimos perceber que os processos ideológicos e de processos identitários apresentados nas várias categorias analisadas nos revelam que apesar de os atores das entrevistas demonstrarem orgulho em ser considerados quilombolas e perpetuarem manifestações materiais e representacionais de sua cultura, notamos que surgem em vários momentos traços de deslocamento e não concordância de ideias apresentadas aos entrevistados, principalmente em se tratando da mineradora com a qual convivem todos os dias, pelo fato de serem vizinhas em território.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao término das reflexões e a partir da origem investigativa que as relações entre identidade e representação do discurso nos proporcionaram, conforme explicitado no bojo de nossa reflexão na introdução deste artigo, percebemos, através da pesquisa de campo desenvolvida com a comunidade quilombola São Domingos, em Paracatu-MG, como pode se dar o fortalecimento / enfraquecimento no processo de construção identitária de um povo, através das representações discursivas e culturais.

Baseado nos estudos da ADC, postulado por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001), procuramos desenvolver uma pesquisa baseada nos discursos das lideranças atuais e antigas da Comunidade, uma vez que para ele o discurso “é uma prática,

não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Assim, as análises da prática social focalizada na pesquisa foram voltadas para a articulação dos elementos da prática social – que é composta pelas atividades materiais, fenômenos mentais, relações e processos, além de valores, crenças e desejos para que compreendêssemos melhor – a partir da conjuntura de convívio e de relação entre os atores da pesquisa desenvolvida.

A comunidade possui várias expressões culturais que remontam aos seus antepassados, tanto na culinária como a produção artesanal de rapadura e de biscoitos que agregam valores ideológicos, pois leva o nome da comunidade em seus produtos, o que acaba também agregando valores reais (financeiros) aos produtos; quanto na expressão cultural artística, pois ainda possui a festa da caretada, expressão cultural festiva típica do noroeste e que já acabou em outras comunidades remanescentes, mas, ainda, perpetua em São Domingos, com dificuldades.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001 [1992].

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. Ed. São Paulo: Artmed Editora, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeud da Silva e Guarcira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003 [1992].

LACLAU, E. **New Reflections on the Revolution of our Time**. Londres: Verso, 1990.

MIGNOLO, Walter. “Prefacio a la edición castellana e Introducción”. **En Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal, 2003.

MOITA LOPES, Luiz P. da. **Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad y modernidad/racionalidad”. En Heraclio Bonilla (comp.). **Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas**. Quito: Libri Mundi, Tercer Mundo, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 7-39.